

Quadrinhos jornalísticos em trabalhos de conclusão de curso: as obras de Carolina Ito e Norberto Liberator Neto¹

Mateus Yuri Passos²

Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami)

RESUMO

O trabalho se debruça sobre duas reportagens em quadrinhos que foram produzidas como trabalhos de conclusão em cursos de graduação em Jornalismo: “Estilhaço”, de Carolina Ito, e “Diasporados”, de Norberto Liberator Neto. Para além de breve análise dessas obras, traçamos um panorama dos quadrinhos jornalísticos, a partir de autores como Augusto Paim e Luiz Fernando Nascimento Menezes, e de seu reconhecimento tanto como meio de expressão artística como de construção de informação relevante e de credibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Jornalísticas; Quadrinhos Jornalísticos; Jornalismo em Quadrinhos; Jornalismo Narrativo; Ensino de Jornalismo.

Resumo expandido

A publicação brasileira de *Palestina – Uma Nação Ocupada*, obra do quadrinista Joe Sacco, que aborda o conflito Israel-Palestina, teve um grande impacto sobre a produção jornalística e sobre estudantes de jornalismo no Brasil. O quadrinho foi publicado em 2000 pela editora Conrad e, embora não tenha sido a primeira obra jornalística a utilizar a linguagem dos quadrinhos, despertou a consciência de estudantes e jovens jornalistas sobre a possibilidade e a viabilidade de se produzir material jornalístico nessa mídia.

Isso levou muitos desses estudantes a considerarem a carreira de jornalistas quadrinistas, e, em alguns casos, a desenvolverem seus trabalhos de conclusão de curso na modalidade de história em quadrinhos nos cursos de graduação que se abriam a essa possibilidade.

Este trabalho tem como objetivo a análise de dois trabalhos de conclusão de curso produzidos nessa modalidade: *Estilhaço*, de Carolina Ito, e *Diasporados*, de Norberto Liberator Neto. A pesquisa avalia como esses trabalhos incorporam métodos de apuração

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Jornalísticas Contemporâneas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Pesquisador e membro do conselho científico da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), vinculada à SBPJor. Líder do grupo de pesquisa CENA – Comunicação, Enunciação e Narrativas. Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. E-mail: mateus.passos@gmail.com

e pesquisa jornalística ao utilizarem os quadrinhos como meio expressivo. Além disso, o estudo apresentará um breve histórico do uso dos quadrinhos como mídia jornalística e discutirá a presença dessa linguagem nos trabalhos de conclusão de curso em jornalismo.

Ao analisar tendências das histórias em quadrinhos nos EUA na primeira metade da década de 2000, Douglas Wolk (2007) acenou para um declínio na importância dos quadrinhos de super-heróis e para o crescimento da produção e, principalmente, da recepção de quadrinhos autorais. Algumas das obras destacadas pelo autor – como *Cerebus*, de Dave Sim, épico de 300 edições que surge como paródia do personagem Conan, o Bárbaro e posteriormente torna-se uma intrincada narrativa de conspirações políticas e religiosas – ainda mantinham um vínculo com o eixo da ação, aventura e fantasia; porém, notava-se um crescimento da presença e reconhecimento de narrativas em torno da vida cotidiana (KUKKONEN, 2013; SCHNEIDER, 2016). Essas narrativas tratam justamente das pequenas dimensões da vida que se desvelam, incluindo por vezes a observação de hábitos e valores distintos do sujeito que narra, do choque cultural, da mútua compreensão do outro e eventual assimilação de alguns desses hábitos e valores: enfim, pela troca cultural, pela alteridade nos seus aspectos mais fundamentalmente dialógicos e humanos a partir da busca pelo "Outro".

Uma vertente expressiva desse momento de amadurecimento dos quadrinhos norte-americanos foi justamente a dos quadrinhos de não ficção, que despontaram na década de 1960 (WITEK, 1989). É importante destacar, neste momento que os quadrinhos de não ficção surgiram em momentos distintos em diferentes tradições de narrativa quadrinística – que constituem gêneros discursivos também radicalmente distintos ao menos nas três grandes matrizes de produção de histórias em quadrinhos: a norte-americana, a franco-belga e a japonesa –, em muitos casos derivando de ambientes editoriais *underground* nos quais se cultivava estratégias discursivas contrahegemônicas e autorais (CHINEN, RAMOS e VERGUEIRO, 2016).

Nessas obras, o grau de tensionamento entre o real e a sua representação ganha um novo degrau a partir do momento em que essa representação se manifesta não apenas por meio da enunciação verbal, mas também da gráfica – e especialmente do desenho, por vezes estilizado, que estabelece maior grau de distanciamento e “autoralidade” (WOLK, 2007). A própria estética dos quadrinhos permite uma experiencialidade bastante singular, que une sequencialidade a sincronidade, e na qual a disposição e

tamanho dos quadros em uma página trabalham para criar sensações como tensão, relaxamento, percepção do tempo de forma bastante singular em relação a outras artes narrativas (GROENSTEEN, 2013).

A primeira obra quadrinística a receber um prêmio literário/jornalístico tradicional foi justamente *Maus*, de Art Spiegelman, laureada com um Pulitzer em 1992 – a obra neste caso traz pouco das próprias vivências do autor, mantendo seu foco em reconstruir a experiência de seu pai, Vladek Spiegelman, judeu polonês que foi prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz, a partir de uma série de entrevistas realizadas entre ambos. Assim, embora o estilo de ilustração das obras seja muitas vezes cartunesco, utilizando figuras de seres humanos animalizados, essas narrativas passaram a tocar o público por meio do pacto firmado com a realidade e com uma pressuposta honestidade em relação às vivências dos autores (CHUTE, 2011).

Maus constitui justamente um longo trabalho de entrevista em quadrinhos, possuindo um caráter jornalístico, que revela elementos de bastidores com a explicitação de conflitos interpessoais nos diálogos entre Art e Vladek nas situações de coleta de depoimentos. Porém, curiosamente, sua recepção inicial no Brasil o situa mais como um quadrinho de memória, justamente por explorar as vivências de Vladek Spiegelman, do que especificamente o jornalístico. Essa contradição transparece em artigos e outros trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil, em que Joe Sacco é apontado como o pioneiro dos quadrinhos jornalísticos – o que é incorreto, já que sabemos que existem obras jornalísticas que usam os quadrinhos como mídia ao menos desde a década de 1970, quando Chantal Montellier produziu na França coberturas em quadrinhos de manifestações sindicais. Porém, não existe ainda um levantamento amplo que procure tratar um histórico mais completo desse tipo de produção.

Ainda assim, nos últimos 30 anos, o cenário global de produção de quadrinhos testemunhou a circulação de obras diversas – por exemplo, as séries *A Odisseia de Hakim* e *Reflexos do Mundo* de Fabien Toulmé, *Students for a Democratic Society* e *Not The Israel that My Parents Promised Me*, de Harvey Pekar, *Tenements, Towers & Trash* de Julia Wertz, *Virgem Depois dos 30* de Atsuhiko Nakamura e Bargain Sakuraichi, *Fugir* de Guy Delisle, *A Origem do Mundo* e *A Rosa Mais Vermelha Desabrocha* de Liv Strömquist, *How to Fake a Moon Landing* e *Rússia de Putin* de Darryl Cunningham, *Meu*

Amigo Kim-Jong Un de Keum-Suk Gendry Kim, *Cannabis* e *O Efeito He-Man* de Box Brown etc.

Autores como Augusto Paim (2023) e Luiz Fernando Nascimento Menezes (2020) apontam para a pluralidade de gêneros presentes nesses diversos tipos de obras – temos, por exemplo, reportagens curtas ou longas, quadrinhos articulados em forma de documentário, as narrativas de viagem, quadrinhos que se articulam como coletâneas de depoimentos e inclusive, narrativas articuladas na forma de entrevistas em quadrinhos, que ficaram mais notórias nos trabalhos de Ricardo Liniers e Pablito Aguiar. Justamente por isso, Paim defende o uso do termo *quadrinhos jornalísticos* para englobar esses diversos tipos de produção – em vez de *jornalismo em quadrinhos*, como geralmente é utilizado. O termo *jornalismo em quadrinhos* daria a entender que jornalismo é um tipo de conteúdo – ou de mídia – externo aos quadrinhos, que então é “adaptado”, “facilitado” para a forma dos quadrinhos. Enquanto isso, o termo *quadrinhos jornalísticos* entende que existe aí uma linguagem expressiva envolvida, que são as histórias em quadrinhos, e um tipo de conteúdo não-ficção desenvolvido a partir de técnicas de apuração jornalística como a da pesquisa documental, da observação participante ou não-participante, da realização das entrevistas, etc, e um tipo de apresentação de conteúdo que também é não-ficcional, jornalístico. Portanto, se pretende não-ficcional e se baseia especialmente naquilo que foi possível apurar, apontando inclusive as lacunas de informação, quando cabíveis.

O entusiasmo, principalmente com a repercussão de *Palestina* e dos outros trabalhos de Joe Sacco, publicados de forma subsequente pela editora Conrad, por um lado estimularam a publicação no Brasil de mais quadrinhos estrangeiros de natureza jornalística, e por outro a produção de material nacional. Revistas brasileiras como *piauí*, *Cult* e *Trip* e agências de notícias como a *Agência Pública* e *Sumaúma* que produziram conteúdos originais em quadrinhos – e, além disso, existe a revista digital *Badaró*, fundada por Norberto Liberato Neto, dedicada exclusivamente aos quadrinhos jornalísticos. Na forma de livros, encontramos obras como *Raul*, de Alexandre de Maio, *Cortabundas – O Maníaco do José Walter*, de Talles Rodrigues, *Um Grande Acordo Nacional*, de Robson Villalba, *Amarras*, de Cecília Marins, e *Boy Dodói*, coletânea organizada por Bebel Abreu, Carolina Ito e Helô D’Angelo.

Esse *hype* dos quadrinhos jornalísticos, como era de se esperar, chegou aos estudantes de graduação, e estimulou que esses jornalistas em formação também se interessassem pelos quadrinhos como mídia jornalística. Desse modo, fizemos um breve levantamento de trabalhos de conclusão de curso de bacharelado em Jornalismo, que foram produzidos na forma de reportagens em quadrinhos: *Corte da Diretora*, de Laura de Melo Toledo Rouanet, Gabrielle Corrêa Basto e Josiane Grabrielle Tangerino Pereira (PUC-Campinas), *Vozes Negras*, de Maryane Rodrigues Sales Pereira (Universidade Presbiteriana Mackenzie), *Traços: jornalismo em quadrinhos sobre discriminação racial contra pessoas amarela*, de Amanda Kawassaki de Oliveira (Universidade Positivo), *Parque das Luzes*, de Cecília Marins (Faculdade Cásper Líbero), *Me disseram que haveria sangue: a crise de reputação da PM brasileira* (posteriormente publicado na forma de livro com o título *Socorro Polícia!*), de Amanda Ribeiro e Luiz Fernando Menezes (Universidade Federal de Santa Catarina). Também é possível citar o trabalho de conclusão de curso de Arquitetura de Marília Marz, *Liberdade*, também produzido como um trabalho de quadrinhos não-ficção.

Como mencionado anteriormente, para esta pesquisa analisamos duas reportagens que foram produzidas como trabalhos de conclusão de cursos de graduação em jornalismo em quadrinhos – *Estilhaço*, de Carolina Ito, produzido em 2015 como trabalho de conclusão de curso em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e *Diasporados*, de Norberto Liberator Neto, produzido em 2018 como trabalho de conclusão de curso em Jornalismo na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). As categorias de análise utilizadas incluem tanto os procedimentos jornalísticos utilizados na apuração das reportagens quanto a motivação dos estudantes para a produção de seus trabalhos e a própria qualidade artística dos quadrinhos produzidos – ou seja, o quanto os trabalhos se utilizavam dos elementos verbo-visuais das histórias em quadrinhos. Essa foi uma preocupação porque é bastante comum – por exemplo, quando autores fazem adaptações de obras literárias – que os quadrinhos sejam vistos como uma mídia facilitadora, por vezes até infantilizada, o que envolve um uso pouco criativo dos seus elementos visuais e uma predominância do texto sobre a imagem, com interação construída de modo simplista e literal. Autores do campo (GROENSTEEN, 2013) indicam que a interação entre texto e imagem nos quadrinhos é mais complexa, embora em narrativas de super-heróis até a década de 1960 fosse comum

encontrar textos em recordatório que descrevem literalmente aquilo que é possível ver no quadro, no quadro correspondente, ao longo das décadas seguintes foi se desenvolvendo uma autonomia cada vez maior da imagem, que culmina inclusive na produção de narrativas mudas, ou seja, histórias contadas a partir de elementos visuais sem o uso de texto verbal como recordatórios ou balões de diálogo para guiar ou literalizar os acontecimentos para quem o lê. Para além da análise dos quadrinhos em si, também os respectivos relatórios técnicos foram consultados para identificar procedimentos e motivações dos autores.

Estilhaço, de Carolina Ito, acompanha uma viagem de uma semana da repórter por cidades do Vale do Jequitinhonha, buscando retratar aspectos da vivência – marcada principalmente pela precariedade econômica – das pessoas que ali residem. *Diasporados*, de Norberto Liberator Neto, aborda a experiência de três imigrantes no Brasil e os elementos comuns e distintos de suas vivências como estrangeiros no país, contendo um capítulo introdutório com apresentação de dados e três de entrevista com os imigrantes Banel Pierre (Haiti), Ezequiel Alemán (Venezuela) e Wasim Aldaly (Síria).

Ambas as reportagens serviram-se de técnicas de preparação como a pesquisa documental – consultado obras de áreas diversas como Antropologia, Geografia/Demografia, Economia, Direitos Humanos e Relações Internacionais –, assim como levantamento de dados relacionados às temáticas abordadas, realização de entrevistas em profundidade e, no caso de *Estilhaço*, observação participante.

Em ambos os relatórios foi possível identificar o interesse anterior dos autores pelas histórias em quadrinhos com o mídia, já eram leitores de quadrinhos de ficção, desde a infância ou adolescência, e um interesse pela produção autoral de reportagens em quadrinhos a partir da leitura de outros trabalhos jornalísticos publicados em veículos midiáticos ou na forma de livro. Em ambos os casos houve uma motivação pessoal e uma iniciativa pessoal, dos jornalistas quadrinistas para a proposição dos seus trabalhos de conclusão de cursos, e não da apresentação desse tipo de material em sala de aula pelos professores. Também em ambos os casos o desenvolvimento de técnicas de desenho e narrativa quadrinísticas foi realizado de forma autodidata – ainda assim, já se identifica uma autonomia da imagem em relação ao texto verbal, o que denota familiaridade e desenvoltura com a linguagem expressiva do suporte midiático escolhido.

Podemos, dessa forma, considerar que mesmo a produção jovem de quadrinhos jornalísticos do Brasil já procura se apropriar da linguagem visual dos quadrinhos, de sua solidariedade icônica na produção de reportagens. Ele fica-se um uso confortável e criativo da mídia. Portanto, percebe-se que essa é uma vertente de produção jornalística que, embora demande um ritmo de produção mais lento, além de um talento natural para o desenho, por parte dos estudantes, poderia ser mais incentivado pelos cursos de graduação. Esse sentido, no entanto, encontra diversas barreiras. Dentre elas, o caráter ainda incipiente das pesquisas sobre quadrinhos jornalísticos no Brasil, com um número tímido de artigos, capítulos de livros e livros autorais dedicados ao tema.

Por outro lado, o ensino de jornalismo de quadrinhos, no âmbito da graduação, dependeria dessa familiaridade da pessoa docente com não só as técnicas jornalísticas, mas também os elementos constitutivos da linguagem visual dos quadrinhos. Por isso, a única disciplina específica que encontramos foi uma disciplina eletiva, oferecida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, por Octávio Aragão, que é efetivamente um roteirista de histórias em quadrinhos. Trabalhos futuros poderiam avaliar caminhos de viabilização mais ampla do ensino de quadrinhos jornalísticos na universidade, assim como da quebra do estigma ainda persistente dos quadrinhos como uma mídia infantil e infantilizada.

REFERÊNCIAS

CHINEN, Nobu (Org.); RAMOS, Paulo (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Enquadrando o Real** – Ensaios sobre Quadrinhos (Auto)Biográficos, Históricos e Jornalísticos. São Paulo: Criativo, 2016.

CHUTE, Hillary. Comics Form and Narrating Lives. **Profession**, s/v, p.107-117, 2011.

GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

ITO, Carolina. **Estilhoço**: Uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha. Relatório técnico de Projeto Experimental de Conclusão de Curso. Bauru: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015.

LIBERATOR NETO, Norberto. Diasporados: uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes. **Badaró**, 20 set. 2019. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2019/09/20/diasporados/> Acesso em: 27 jul. 2023.



KUKKONEN, Karin. **Contemporary comics storytelling**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.

MENEZES, Luiz Fernando Nascimento. **Gêneros do discurso no Jornalismo em Quadrinhos brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras), Guarulhos: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2020.

PAIM, Augusto Machado. **Pequeno Manual da Reportagem em Quadrinhos**. Porto Alegre: Arquipélago, 2023.

SCHNEIDER, Greice. **What happens when nothing happens: boredom and everyday life in contemporary comics**. Leuven: Leuven University Press, 2016.

WITEK, Joseph. **Comic Books as History**. Jackson: The University Press of Mississippi, 1989.

WOLK, Douglas. **Reading Comics**. Cambridge: Da Capo Press, 2007.